

Lecomciência 2009

O Seminário Lecotec de Comunicação e Ciência, Lecomciencia, é vinculado ao Simpósio de Comunicação, Tecnologia e Educação Cidadã da FAAC

Em sua segunda edição, o Lecomciencia trata assuntos ligados à Ciência em convergência com a Comunicação, de modo a ressaltar a importância da sociedade discutir o tema. O evento tem como objetivo promover debates entre as duas áreas a partir do ponto de vista de profissionais de diversos campos do conhecimento. Ciência e Comunicação mantém relações recíprocas de auxílio no desenvolvimento social: enquanto a Ciência utiliza a Comunicação como ferramenta básica de integração entre pesquisadores, a Comunicação utiliza a Ciência como fundamento para suas ações na sociedade. Tendo em vista que por trás de todo questionamento existem mil respostas à espreita, os debates do Lecomciencia não têm a intenção de chegar a conclusões acabadas, mas de abordar a ciência de maneira incisiva, que não hesita em enfrentar os dilemas ligados ao assunto, partindo da consideração da opinião de profissionais ligados ao seu desenvolvimento e sua divulgação.

Devido ao fato da temática científica ser de difícil compreensão, além de controversa e polêmica, o evento se preocupa em abordar os assuntos com leveza e criatividade. Com isso, o objetivo principal é fomentar o interesse do público, que somente em contato com discussões como essa, podem obter o desprendimento necessário para enxergá-la com a fascinação devida.

Sob a ótica da convergência de conhecimento, a intenção dessa abordagem menos técnica e formalista possível é desmitificar a ciência e dar maior naturalidade à sua compreensão. Afinal, como afirma o pesquisador Francisco Rolfsen Belda, um dos palestrantes do evento, "a Ciência tem a ver com as inquietações do homem", ou seja, ela lida com mistérios e questionamentos da existência e do conhecimento que o homem talvez nunca consiga solucionar e que, por isso mesmo, é objeto de fascínio.

Portanto, mais do que pesquisadores de ciência, os palestrantes são profissionais de múltiplas áreas do conhecimento, que juntos buscam estabelecer um diálogo com pluralidade de opiniões que resulte em conclusões de utilidade pública.

Por isso que as mesas e oficinas do Lecomciencia discutem a importância do comunicador saber lidar com a linguagem científica para não agredir o público com informações que ele não saiba interpretar. Além disso, a programação tem o cuidado para que as discussões não se limitem ao nível técnico, mas que se estendam em reflexões aprofundadas de como otimizar a divulgação científica. E, se ela não esgota os questionamentos, ao menos ilumina as inúmeras possibilidades de conclusão presentes em toda interrogação.



OFICINAS

A jornalista Katarini Miguel ministrou atividades sobre o exercício do Jornalismo Ambiental.

P. 2

MESAS DE DISCUSSÃO

Distinção entre divulgação científica e jornalismo científico é apresentado no LECOMCIENCIA p. 3

MESAS DE DISCUSSÃO

Mesa debate desafios e tendências do jornalismo científico

p. 4

Teoria e prática na oficina de Jornalismo Ambiental

Fugindo dos convencionalismos da área

A oficina "Jornalismo Ambiental" que aconteceu no LECONCIENCIA, II Seminário Lecotec de Comunicação e Ciência, foi ministrada por Katarini Miguel, mestre em Comunicação Midiática e coordenadora do Programa de Comunicação da ONG Ambiental Vidagua, que há 15 anos promove diversas ações socioambientais em Bauru e região.

Durante suas 3 horas de duração, a oficina buscou mostrar as principais características da cobertura ambiental, por meio de uma interpretação realista e desvinculada dos convencionalismos da área. Além da exposição teórica que buscou apresentar o conceito de Comunicação Ambiental, Katarini propôs uma atividade prática de análise de textos de jornais com a temática ambiental.

Organizando duplas de diferentes áreas do conhecimento, como Comunicação e Matemática, a oficina objetivou estabelecer uma comparação do entendimento entre essas diferentes áreas, uma vez que o Jornalismo Ambiental, quando interpretado por comunicado-

res, por exemplo, vem implicado de uma série de pré-conceitos. Sobre isso, Katarini afirmou existirem boas e más iniciativas, ainda que as pessoas tendam a salientar apenas as ruins. "Não existiriam tantas ONGs ambientais hoje em dia se não existissem pessoas dispostas a dar credibilidade a isso", alegou Katarini. A análise dos jornais gerou uma discussão que passou pela questão da pluralidade das fontes como construtora da credibilidade jornalística, que às vezes é deixada de lado em detrimento da consideração de opiniões muito generalizadas, e por fim impedindo a compreensão de um contexto pelo leitor.

Apesar do otimismo, a jornalista lembrou do caráter figurativo e de certa forma hiperbólico de algumas iniciativas das ONGs. "Algumas ONGs tem um perfil mais midiático, criam cenário para a imprensa". Segundo ela, é esse tipo de atitude que contribui para que a cobertura jornalística ambiental esteja, muitas vezes, associada a uma idéia catastrófica ou até mesmo romântica.



Diretor de Projetos
Douglas Calixto

Diretor de Recursos Humanos
Cristiano Pavini

Diretor Financeiro
Murilo Tomaz

Diretor Presidente
Diogo Zambello

Assessoria de Comunicação
Renato Oliveira

diretora de marketing
Marina Mazzini

Suplente Marketing
Davi Rocha

Suplente Assessoria de Comunicação
Ariani Barbalho

Suplente Recursos Humanos
Danielle Mota

Edição
Diogo Zambello, Marina Mazzini e Ariani Barbalho

Diagramação e Projeto Gráfico
Giovana Penatti

Textos
Renata Penzani, Henri Chevalier e Daniela Penha

Fotografias
Raphael Rodrigues

Patrocínio

Realização



Divulgação científica vem à luz em mesa de discussão

Mesmo durante apagão, conferencistas discutem políticas públicas e comunicação da ciência

A mesa "Políticas públicas para a comunicação pública da ciência" abarcou temas de grande importância para quem realmente se interessa por divulgação científica. Com a presença de Graça Caldas, professora da Universidade de Campinas (UNICAMP) e Presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), e Luiz Victorelli, professor da Universidade Sagrado Coração (USC), a apresentação contemplou assuntos relacionados ao modo como a divulgação científica vem sendo tratada historicamente, não só por jornalistas como também pelos próprios pesquisadores.

Iniciando com uma pequena abordagem histórica sobre a visão dos meios de comunicação sobre a ciência e a tecnologia, Graça Caldas afirma que "trabalhar divulgação científica sem conhecer o funcionamento das políticas de ciência é impossível. É um processo que depende do conhecimento do contexto e de outras áreas". A frase vai de encontro à hipótese de que o aprofundamento em alguma área é o fator primordial para quem quer divulgar pesquisas.

A professora faz ainda uma diferenciação entre divulgador de ciência e jornalista científico, já que todos podem divulgar ciência, inclusive o próprio cientista, enquanto a atividade jornalística é mais do que simplesmente transmitir informações do que ocorre no mundo científico. "Jornalista não pode estar à mercê de cientistas. Se não fosse necessário pensar não precisaria de jornalista, qualquer um gravaria o que o entrevistado fala e reproduziria", diz Caldas. "A área de humanidades quer maior participação nas discussões sobre ciência e tecnologia, que atualmente é muito concentrada nas áreas de exatas como se a área de humanas não tivesse ciência". Por volta das 22h, todas as luzes se apagaram e Graça continuou sua explanação com a constatação de que "Inclusão digital não é inclusão social", em resposta a algumas políticas públicas voltadas para ciência que visam inclusão digital como meio de inclusão social.

O professor Luiz Victorelli começou sua explanação mesmo às escuras, ressaltando o valor da ciência para toda a sociedade e o modo como o linguajar é utilizado nos veículos de comunicação. O vocabulário difícil e os conteúdos complexos não são acessíveis. Para Victorelli, a ciência "é universal, não importa se é estrangeira, mas temos que ver como está se desenrolando no Brasil". A divulgação científica é um tema que ainda necessita de muitas discussões para seu amadurecimento, porém é necessário primeiramente políticas que visem uma desmistificação da área para que ela atraia cada vez mais interessados.

Apoio



Científico sim. Complicado não

Mesa debate desafios e motivações do jornalista científico



Ricardo Zorzetto fala sobre a importância da divulgação científica

Os palestrantes Ricardo Zorzetto, editor-executivo da Revista Pesquisa Fapesp, e Francisco Rolfsen Belda, gerente de internet do jornal Tribuna Imprensa e pesquisador do Lecotec, se reuniram para discutir jornalismo científico na mesa "Educação e Formação para divulgação científica".

O objetivo da mesa foi refletir sobre a necessidade da divulgação científica estar vinculada ao conhecimento.

A discussão passou por temas controversos, como a atitude inconseqüente de algumas revistas e jornais que publicam matérias sem a apuração devida. Para Zorzetto, que falou basicamente sobre sua atuação na revista Pesquisa, "o jornalista deve desconfiar de tudo, não acreditar em verdades acabadas".

Ele afirmou ainda que o jornalista que pretende trabalhar na área deve entender, ainda que minimamente, o funcionamento da ciência.

A divulgação científica, por tratar de assuntos complexos que assustam facilmente tanto o leitor quanto o próprio pesquisador, torna-se alvo fá-

cil de informações enganosas, mitos e fabulações exageradas, como é o caso das descobertas científicas inusitadas e dos efeitos milagrosos atribuídos a medicamentos. "O jornalista tende a encaminhar a responsabilidade do que diz para sites especializados de ciência, citando artigos científicos que, tirados do seu contexto, perdem o sentido", afirmou Zorzetto.

Já Francisco Belda pontuou em sua palestra a necessidade do jornalista científico estar motivado e cativado pela temática. Segundo ele, "gostar de ciência" é o principal elemento necessário

para fazer um bom trabalho. Os fenômenos científicos não são de outro mundo, pelo contrário, eles estão dentro de nós", alegou o pesquisador.

Além disso, Belda falou sobre a herança do jornalismo literário na divulgação científica, ou seja, de como os recursos de narrativa comuns à literatura podem auxiliar na articulação de um jornalismo mais humanizado e solidário ao indivíduo que há por trás de cada pesquisa e de cada artigo.

Francisco Belda, que começou a se interessar por ciência muito jovem, falou sobre a facilidade de perceber a ciência em um mundo que vê surgir a cada dia uma nova tecnologia. Citando ferramentas virtuais como Google Sky - que permite observar planetas e constelações -, o pesquisador afirmou que questionar o que há por trás de cada coisa que utilizamos no dia-a-dia, é um bom começo para alimentar o espírito desconfiado que deve revestir todo jornalista. "A própria percepção da ciência já é fascinante" - afirmou Belda - "a ciência tem a ver com as inquietações do homem, em todos os sentidos".